

Escala de atitudes altruístas: Estudo de validação e fiabilidade

Ana Loureiro

Maria Luísa Lima

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Portugal

Resumo

Neste estudo apresenta-se uma escala de atitudes altruístas, a qual pretende avaliar as atitudes altruístas nas suas componentes cognitiva, afectiva e comportamental. A escala foi aplicada a 213 indivíduos, com o objectivo de obter resultados sobre a sua validade e fiabilidade. A escala é composta por 12 itens organizados em 3 sub-escalas (cognitiva, afectiva e comportamental). Para avaliar a validade da escala, procedeu-se a uma análise factorial confirmatória com modelos de equações estruturais. Os resultados suportam uma visão tri-partida das atitudes altruístas. A validade da escala foi ainda testada com a aplicação da escala a uma amostra de indivíduos voluntários de uma ONG. Os resultados mostram que a escala discrimina adequadamente indivíduos voluntários de não voluntários. No seu conjunto, os resultados revelam que a escala possui qualidades psicométricas aceitáveis.

Palavras-chave: Altruísmo, Atitudes, Escala.

Abstract

The paper presents an altruism attitudes scale, which evaluates altruistic attitudes in its cognitive, affective and behavioural components. The scale was administered to 213 participants, to allow examination of its validity and reliability characteristics. The scale comprises 12 items organized in 3 sub-scales (cognitive, affective and behavioural). To evaluate the validity of the scale, it was submitted to a confirmatory factor analysis, with structural equations modelling. Results support a tri-dimensional model of attitudes. The validity of the scale was also tested with the application of the scale to a sample of ONG volunteers. Results showed that the scale distinguishes well voluntary individuals from non voluntary ones. All together, the results reveal that the scale has acceptable psychometric qualities.

Key words: Altruism, Attitudes, Scale.

O estudo foi desenvolvido no âmbito do trabalho de doutoramento de Ana Loureiro financiado pela FCT através da bolsa SFRH/BD/31357/2006. Agradecemos à instituição de voluntariado e a todos os voluntários e estudantes participantes no estudo o seu contributo essencial para a realização desta investigação. A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Ana Loureiro; E-mail: ana_loureiro@iscte.pt

O objectivo do estudo aqui apresentado foi o desenvolvimento de uma escala de atitudes altruístas. A escala permite avaliar as atitudes altruístas nas suas três componentes: uma componente cognitiva, uma componente afectiva e uma componente comportamental.

Embora se encontrem diversas definições de altruísmo, umas mais centradas nos comportamentos, outras nas motivações, ou outras ainda nas consequências imediatas ou a longo prazo, aquele pode ser definido de forma consensual como a capacidade do indivíduo para se comportar de forma que contribui para o bem-estar de outros com algum custo para si próprio e sem expectativa de recompensa (Krebs & Mille, 1985).

O estudo do altruísmo começou por estar bastante centrado na procura de identificação das condições em que ocorriam os comportamentos de ajuda (Darley & Latané, 1968). Mais tarde, surgem desenvolvimentos teóricos que procuram explicar o porquê dos comportamentos altruístas, postulando uma motivação altruísta para aumentar o bem-estar de outro resultante de uma empatia interpessoal e transcendendo o interesse interpessoal (Batson, 1997; Batson, Todd, Brummett, Shaw, & Aldeguer, 1995; Fultz, Batson, Fortenbach, & McCarthy, 1986). Esta conceptualização do altruísmo foi apoiada por alguns estudos (e.g., Dovidio, Allen, & Schroeder, 1990) mas também contestada por outros que defendem que a variável associada ao comportamento altruísta não é a empatia mas sim a percepção de unidade com o outro (Cialdini, Brown, Lewis, Luce, & Neuberg, 1997; Neuberg, Cialdini, Brown, Luce, & Sagarin, 1997). Por outro lado, alguns autores como Rushton (Rushton, Chrisjohn, & Fekken, 1981; Rushton, Fulker, Neale, Dias, & Eysenck, 1986), defendem que o altruísmo é um traço de personalidade altruísta, advogando mesmo a sua origem genética.

A procura de identificação de variáveis associadas ao altruísmo tem-se mantido ao longo do tempo, encontrando-se evidências do papel de moderadores e mediadores como mecanismos de aprendizagem, normas pessoais e sociais, ou factores como a percepção de responsabilidde, empatia afectiva e cognitiva ou a atracção (Penner, 2002; Sturmer, Snyder & Omoto, 2005). Neste âmbito encontra-se, por exemplo, o modelo de activação da norma, que defende que o comportamento de ajuda dependerá da activação de uma norma pessoal, função da consciência das consequências do comportamento e de um sentimento de responsabilidade (Schwartz, 1977). De uma forma geral, os autores actualmente defendem que características pessoais interagem com características da situação na evocação do comportamento altruísta (Krebs & Miller, 1985; Penner, Dovidio, Piliavin, & Schroeder, 2005). Uma perspectiva cognitiva como a atrás referida (e.g., Penner, 2002; Schwartz, 1977) salienta a importância de não centrar a avaliação do altruísmo unicamente nos comportamentos mas também considerar variáveis como as atitudes.

A conceptualização das atitudes tem-se caracterizado por um debate sobre a estrutura das atitudes. De um lado, encontramos modelos e autores defensores de uma visão unidimensional das atitudes (Dillon & Kumar, 1985; Fishbein & Ajzen, 1975). Esta visão apresenta a atitude como o posicionamento de um indivíduo face a um objecto de atitude numa dimensão avaliativa. Por outro, há uma defesa de uma organização tridimensional das atitudes (e.g., Rosenberg & Hovland, 1960). Nesta perspectiva, as atitudes são definidas como predisposições para responder a uma classe de estímulos com certas classes de resposta designadas como cognitiva, afectiva e comportamental (Rosenberg & Hovland, 1960). Os autores defendem ainda que, de uma forma geral, os indivíduos tendem a organizar as diferentes componentes de resposta de forma congruente, tendendo a preferir situações de congruência entre os diferentes tipos de resposta. A componente cognitiva refere-se a crenças e percepções do indivíduo sobre o objecto de atitude, a componente afectiva às respostas emocionais associadas a esse objecto, e a componente comportamental aos relatos de compromisso comportamental face à entidade que é objecto da atitude. Se, por um lado, a pesquisa realizada até agora ainda não permitiu dar uma resposta definitiva sobre esta questão (Eagly & Chaiken, 1993), por outro, os autores são consensuais em reconhecer a

validade da distinção entre as três componentes para melhor se perceber a complexidade das atitudes (Bohner & Wänke, 2002; Eagly & Chaiken, 1993; Petty, Wegener, & Fabrigar, 1997).

Diversos autores realizaram trabalhos de verificação da multidimensionalidade das atitudes, apontando para a existência de diferentes componentes das atitudes (Bagozzi & Burnkrant, 1979, 1985; Breckler, 1984; Kothandapani, 1971). Um destes trabalhos foi o de Breckler (1984), que desenvolveu uma validação empírica do modelo tri-dimensional, mostrando que as atitudes podem ser conceptualizadas em três componentes (cognitiva, afectiva e comportamental). O autor refere ainda que a existência destas três componentes não pressupõe necessariamente a consistência interna entre elas, reforçando no entanto a importância de se fazer a sua distinção (Breckler, 1984).

Mais tarde, Zanna e Rempel (1988) defendem que as componentes cognitiva, afectiva e comportamental podem não só ser vistas como tipos de resposta atitudinal como também como informação a partir da qual se formam atitudes, podendo determinar a resposta avaliativa juntas ou separadamente. Estes autores apresentam uma perspectiva integradora do conceito de atitude, definindo esta como a posição face a um objecto numa dimensão avaliativa geral, formada por e originando respostas cognitivas, afectivas e comportamentais. Nesta perspectiva, defende-se a existência de uma dimensão atitudinal geral responsável pela covariação entre as componentes cognitiva, afectiva e comportamental (Jorgensen & Stedman, 2001). Esta posição é também defendida por Crites, Fabrigar, e Petty (1994), que defendem que a conceptualização das atitudes como uma avaliação geral decorrente de diferentes tipos de informação qualitativamente diferente entre si (e.g., afectiva e cognitiva) implica a medição das diferentes propriedades das atitudes para além da sua natureza avaliativa mais geral. Os autores (Crites, Fabrigar, & Petty, 1994) reforçam ainda a importância de se desenvolverem e utilizarem medidas das diferentes componentes das atitudes com consistência interna e validade de constructo demonstradas.

Para o desenvolvimento da escala de atitudes aqui apresentada, adopta-se uma definição das atitudes altruístas como um posicionamento face ao altruísmo definido por cognições e sentimentos face ao altruísmo, bem como por comportamentos altruístas. A necessidade sentida de elaboração desta escala deve-se ao facto de as escalas existentes (Rushton, Chrisjohn, & Fekken, 1981; Yavuzer, Ismen-Gazioglu, Yildiz, Demir, Meseci, Kiliçaslam, & Sertelin, 2006) se centrarem na avaliação do comportamento altruísta e não nas atitudes, solicitando apenas aos indivíduos a indicação da frequência de realização de um conjunto de comportamentos altruístas.

De acordo com a concepção das atitudes adoptada, desenvolveu-se uma escala onde um conjunto de itens avalia as três componentes atrás referidas: componente cognitiva, afectiva e comportamental. A escala foi submetida a um tratamento que pretende averiguar a sua validade, nomeadamente através de evidências de critério e de constructo, bem como a sua fiabilidade. Para este efeito, é estudada uma amostra de indivíduos voluntários de uma ONG e outra de indivíduos não voluntários. Além disso, os dados são submetidos a um conjunto de análises factoriais confirmatórias e de fiabilidade, com o intuito de se avaliar a sua adequação a modelos explicativos relativos à estrutura das atitudes.

Método

Participantes

Neste estudo participaram 213 indivíduos, sendo 116 deles voluntários de uma ONG (54.5%) e os restantes estudantes universitários. Estes dois grupos diferem num comportamento definido na

literatura como um comportamento manifestamente altruísta, o voluntariado (Rushton, Chrisjohn & Fekken 1981). A amostra, no seu conjunto, é maioritariamente composta por indivíduos do sexo feminino (68.8%), e com uma média de idade de 28 anos ($DP=15.1$). Na amostra de voluntários, 60.4% dos indivíduos são do sexo feminino, e na amostra de não voluntários esse valor é de 78.4%. A média de idade é de 34.9 anos ($DP=17.9$) no grupo de voluntários e de 21.2 anos ($DP=3.4$) no grupo de não voluntários, $t, 190=7.05, p<.001$.

Material

A versão da escala, cujo processo de validação é aqui apresentado, é composta por 12 itens, organizados em três sub-escalas, correspondentes a três componentes das atitudes: Cognição (4 itens), Afecto (4 itens), e Comportamento (4 itens). Para a elaboração dos itens recorreu-se a definições de altruísmo na literatura bem como a escalas de comportamentos altruístas. Os itens remetem para cognições e comportamentos definidos na literatura como altruístas, referindo-se assim a comportamentos de ajuda directa e de contribuição para o bem-estar de outros (e.g., “ceder o lugar numa fila de espera...”; “cuidar de alguém...”), bem como de sacrifício pessoal (e.g., “disponibilizar-me para fazer um sacrifício por alguém”; “os benefícios do altruísmo não compensam os sacrifícios”) (Rushton, Chrisjohn, & Fekken, 1981; Yavuzer et al., 2006).

Para a avaliação da dimensão cognitiva, é pedido ao participante que assinale o seu nível de concordância com um conjunto de afirmações (ver Quadro 1), numa escala de cinco pontos (em que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 a “concordo totalmente”) (e.g., “Acho que, neste mundo, cada qual tem é de tratar de si”). A componente afectiva é composta por questões em relação às quais se pede ao sujeito que indique como se sentiria se realizasse as acções descritas, numa escala de cinco pontos (em que 1 corresponde a “muito mal” e 5 a “muito bem”) (e.g., “Cuidar de alguém, sem estar à espera de recompensa”). Na componente comportamental, pede-se ao sujeito que, para um conjunto de comportamentos, assinale a frequência de realização desses comportamentos numa escala de cinco pontos (em que 1 corresponde a “nunca” e 5 corresponde a “muitas vezes”) (e.g., “Ceder o seu lugar numa fila de espera a alguém que precise” – supermercado, fotocopiadora, banco, etc.). A organização dos itens na escala segue a estruturação nas três sub-escalas relativas às três componentes das atitudes, uma vez que a cada uma delas corresponde um tipo de resposta específico.

Procedimento

Os dados foram recolhidos através da aplicação da escala individualmente e em grupo. Os indivíduos voluntários de uma ONG foram contactados nas instalações da associação. Os restantes eram estudantes universitários contactados nas salas de aula na universidade. A cada indivíduo foi solicitada a sua participação voluntária no estudo e explicado o seu objectivo (apresentado como o teste de um instrumento a utilizar no âmbito de uma investigação), tendo o investigador permanecido junto dos participantes para esclarecimento de eventuais dúvidas no preenchimento.

Resultados

O tratamento dos dados obtidos teve como objectivo avaliar a validade e fiabilidade da escala. Numa primeira fase, avalia-se a validade de constructo, nomeadamente a validade factorial.

A escala de atitudes altruístas, composta por um grupo de 12 itens foi sujeito a uma análise factorial confirmatória utilizando -se o *software* AMOS 6.0 (Arbuckle, 2005). Esta análise teve como objectivo testar a adequação de dois modelos de medida decorrentes dos modelos atitudinais alternativos, utilizando como base a matriz de correlações dos dados.

O modelo “unidimensional” (ver Figura 1) é comparado com o modelo “três componentes correlacionadas” (ver Figura 2). Os valores de adequação destes dois modelos são apresentados na Tabela 1. A análise destes valores permite concluir pela melhor adequação do modelo “três componentes correlacionadas” relativamente ao modelo “unidimensional” [$\Delta\chi^2(3)=156,45$]. Dada a sensibilidade do teste χ^2 à dimensão da amostra, esta conclusão baseia-se nos valores dos índices *Comparative Fit Index* (CFI) (>.95), *Goodness-of-Fit-Index* (GFI) (>.90), e *Root-Mean-Squared-Error of Approximation* (RMSEA) (<.06), (Byrne, 2001). Os índices de modificação do modelo unidimensional sugerem correlações entre os itens dos factores definidos no modelo 3 componentes, o que indicia a melhor adequação deste modelo, verificada pelos valores de adequação obtidos por este modelo, já atrás referidos.

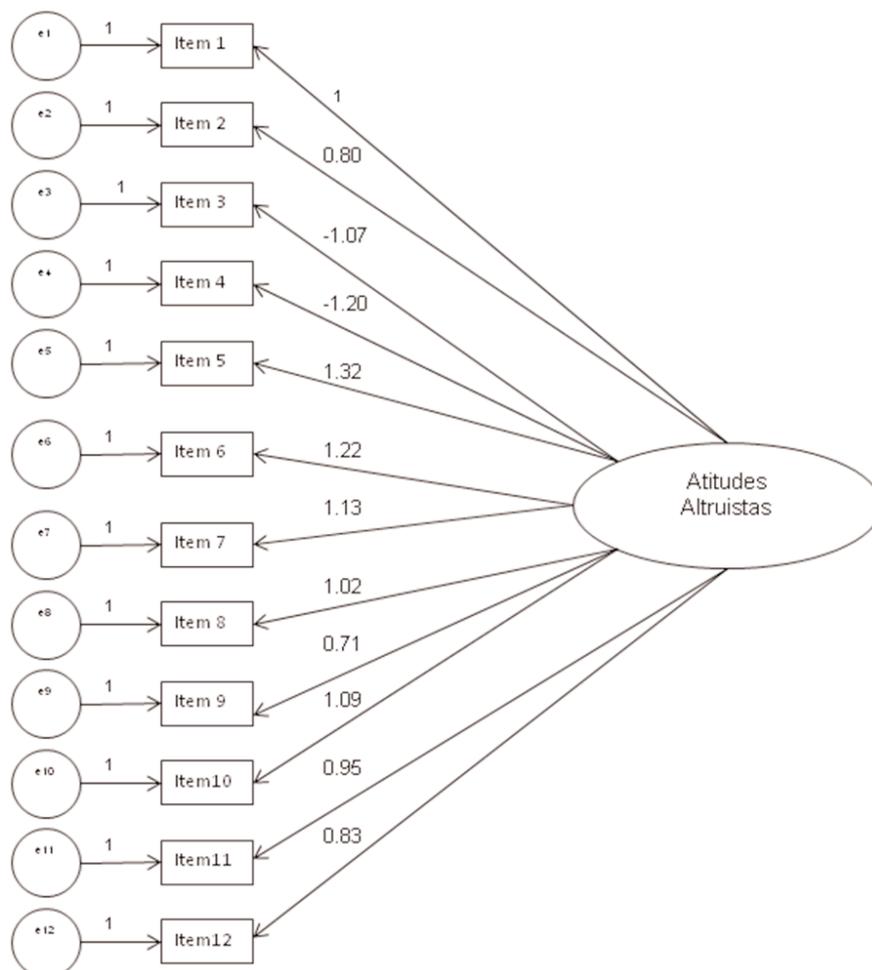


Figura 1. Modelo unidimensional

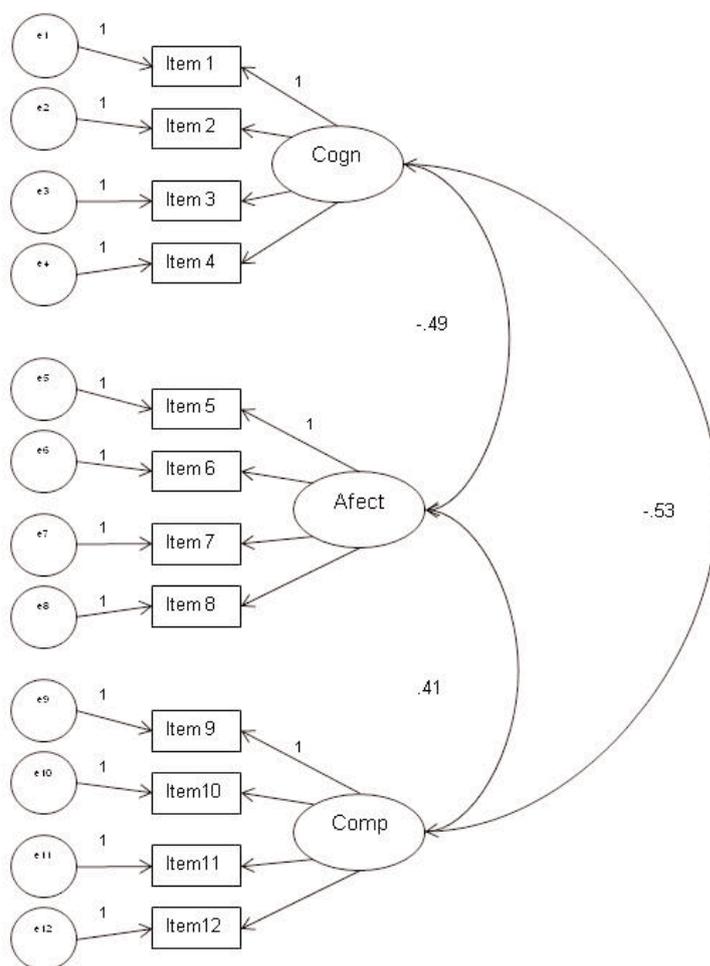


Figura 2. Modelo três componentes correlacionadas

Tabela 1

Estatísticas de adequação dos modelos

| Modelo | χ^2 (gl) | CFI | GFI | RMSEA (IC 90%) |
|----------------|----------------|-----|-----|----------------|
| Unidimensional | 234.35 (54)*** | .70 | .81 | .13 |
| 3 Componentes | 77.90 (51)** | .96 | .94 | .05 |

Nota. ** $p < .01$; *** $p < .001$.

O conjunto de itens que compõem a escala de atitudes altruístas e a sua organização em três sub-escalas é apresentado no Quadro 1. A escala e as sub-escalas apresentam valores de fiabilidade aceitáveis, quer ao nível de consistência interna quer ao nível das correlações inter-itens, item-teste e inter sub-escalas (ver Tabela 2). Uma das sub-escalas (componente cognitiva) apresenta um valor de consistência interna mais baixo do que o aceitável, mas tal facto não afecta a consistência interna do total da escala.

Assim, foram calculados indicadores de cada componente e do total da escala, correspondentes à média dos valores, com inversão das respostas nos itens negativos.

Quadro 1

Escala de Atitudes Altruístas

| Sub-escala | Item |
|--|---|
| <i>Cognição</i> | |
| Por favor indique até ponto concorda com as seguintes afirmações (escala de resposta de 1 “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente”) | 1. Acho que, neste mundo, cada qual tem é de tratar de si (-) 2. Acho que é importante respeitar os sentimentos dos outros 3. Acho que quem é altruísta acaba por se arrepender (-) 4. Os benefícios do altruísmo não compensam os sacrifícios (-) |
| <i>Afecto</i> | |
| Pense como se sentiria se realizasse as seguintes acções (escala de resposta de 1 “muito mal” a 5 “muito bem”) | 5. Cuidar de alguém, sem estar à espera de recompensa 6. Prestar assistência à família e amigos, sem esperar algo em troca 7. Ajudar uma instituição, mesmo sem esta o ter pedido 8. Disponibilizar-se para fazer um sacrifício por alguém |
| <i>Comportamento</i> | |
| Com que frequência realiza as seguintes acções (escala de resposta de 1 “nunca” a 5 “fiz muitas vezes”) | 9. Indicar a direcção na rua a um(a) desconhecido(a) 10. Atrasar o elevador mantendo a porta aberta para alguém entrar 11. Ceder o meu lugar numa fila de espera a alguém que precise (supermercado, fotocopiadora, banco, etc.) 12. Ajudar um colega que não se conhece muito bem num trabalho, quando o meu conhecimento é maior que o seu |

Tabela 2

Fiabilidade da escala e sub-escalas

| Sub-escala e escala | Alfa | Alfa se item retirado | | Correlações inter-itens | | | Correlação item-teste | | Correlações inter sub-escala | | |
|-------------------------------------|------|-----------------------|-----|-------------------------|-----|-----|-----------------------|-----|------------------------------|-------|-------|
| | | Mín | Máx | Mín | Máx | M | Mín | Máx | CA | CC | EAA |
| Componente cognitiva | .65 | .50 | .66 | .18 | .51 | .31 | .29 | .53 | .352** | .38** | .79** |
| Componente afectiva (CA) | .81 | .73 | .79 | .40 | .66 | .51 | .56 | .69 | — | .31** | .70** |
| Componente comportamental (CC) | .70 | .60 | .65 | .31 | .46 | .36 | .45 | .53 | — | — | .76** |
| Escala de atitudes altruístas (EAA) | .79 | .77 | .78 | .05 | .68 | .25 | .37 | .55 | — | — | — |

Nota. ** $p < .01$.

De uma forma geral, os participantes no estudo revelam atitudes altruístas positivas, quer ao nível da componente comportamental, quer cognitiva e sobretudo da componente afectiva destas atitudes (ver Tabela 3).

Para além da análise da adequação do modelo de medida, o processo de avaliação da validade da escala testou a validade de critério, tendo-se efectuado uma análise comparativa entre o grupo de participantes voluntários e o grupo de não voluntários. A Análise de Covariância Multivariada (MANCOVA) efectuada, indica que a escala permite diferenciar estes dois grupos de indivíduos,

$F(3,173)=10.15, p<.001, \eta^2=.15$. Dado que os dois grupos de participantes diferiam no nível etário, a variável idade foi considerada como co-variável nesta análise multivariada. No entanto, o seu efeito não se revelou significativo, $F(3,173)=1.54, p<.21, \eta^2=.03$. Os resultados apontam para valores significativamente diferentes no grupo de indivíduos voluntários em relação ao grupo de não voluntários na sub-escala componente cognitiva, $F(1,175)=16.81, p<.001, \eta^2=.09$, na sub-escala componente afectiva, $F(1,175)=11.19, p<.01, \eta^2=.06$, na sub-escala componente comportamental, $F(1,175)=19.23, p<.001, \eta^2=.10$, e na escala total, $F(1,175)=30.55, p<.001, \eta^2=.15$. Os participantes do grupo de voluntários apresentam valores superiores, em relação aos do grupo de não voluntários, quer ao nível da escala de atitude altruistas ($M=4.19, DP=.38$), bem como das suas sub-escalas cognitiva ($M=4.10, DP=0.7$), afectiva ($M=4.45, DP=0.5$) e comportamental ($M=4.03, DP=.62$) (ver Tabela 4).

Tabela 3

Estatística descritiva dos itens, das sub-escalas e da escala

| Item, sub-escala e escala | C. Assimetria | <i>M</i> * | <i>Med</i> | <i>DP</i> | Mín | Máx |
|-------------------------------|---------------|------------|------------|-----------|------|-----|
| 1. | -.83 | 3.86 | 4.00 | 1.16 | 1 | 5 |
| 2. | -1.92 | 4.51 | 5.00 | .75 | 1 | 5 |
| 3. | -.34 | 3.45 | 4.00 | 1.21 | 1 | 5 |
| 4. | -.42 | 3.65 | 4.00 | 1.12 | 1 | 5 |
| Componente cognitiva | -.39 | 3.87 | 4.00 | 0.75 | 1.75 | 5 |
| 5. | -1.02 | 4.35 | 4.00 | .70 | 2 | 5 |
| 6. | -1.63 | 4.52 | 5.00 | .68 | 1 | 5 |
| 7. | -.72 | 4.18 | 4.00 | .74 | 2 | 5 |
| 8. | -.63 | 4.25 | 4.00 | .71 | 2 | 5 |
| Componente afectiva | -.74 | 4.32 | 4.25 | 0.56 | 2.25 | 5 |
| 9. | -.73 | 4.06 | 4.00 | .84 | 1 | 5 |
| 10. | -1.02 | 3.88 | 4.00 | 1.10 | 1 | 5 |
| 11. | -.34 | 3.68 | 4.00 | .97 | 1 | 5 |
| 12. | -.49 | 3.83 | 4.00 | .95 | 1 | 5 |
| Componente comportamental | -.59 | 3.86 | 3.75 | 0.71 | 1.50 | 5 |
| Escala de atitudes altruistas | -.47 | 4.01 | 4.08 | 0.51 | 2.50 | 5 |

Nota. * 1=atitudes altruistas baixas; 5=atitudes altruistas elevadas.

Tabela 4

Estatística descritiva da escala e sub-escalas nos grupos voluntários e não voluntários

| Sub-escala e escala | Voluntários | | Não voluntários | |
|-------------------------------|-------------|-----------|-----------------|-----------|
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |
| Componente cognitiva | 4.10 | .67 | 3.58 | .71 |
| Componente afectiva | 4.45 | .45 | 4.20 | .60 |
| Componente comportamental | 4.03 | .62 | 3.60 | .73 |
| Escala de atitudes altruistas | 4.19 | .38 | 3.79 | .52 |

Discussão

Este estudo teve como objectivo testar a validade e fiabilidade de uma escala de atitudes altruístas. Para tal procedeu-se à análise de um conjunto de itens organizados em três componentes das atitudes: cognitiva, afectiva e comportamental. A análise efectuada avaliou a adequação de dois modelos alternativos recorrendo a uma análise factorial confirmatória com modelos de equações estruturais. A Escala de Atitudes Altruístas proposta neste trabalho mede assim as atitudes altruístas expressas em pensamentos, emoções e percepções comportamentais do altruísmo.

A análise dos resultados permite concluir que a escala apresenta qualidades psicométricas aceitáveis, quer ao nível da validade quer da sua fiabilidade, quando considerados os itens da escala no seu conjunto. A melhor adequação do modelo que postula a consideração de três componentes na avaliação das atitudes é consistente com as abordagens teóricas do estudo das atitudes que defendem a relevância das componentes cognitiva, afectiva e comportamental na estruturação das atitudes (Crites, Fabrigar & Petty, 1994; Petty, Wegener & Fabrigar, 1997; Rosenberg & Hovland, 1960). Estes resultados reforçam a ideia de que a medição das atitudes deve considerar a avaliação das diferentes componentes de forma específica, embora postulando uma associação entre elas. Por isso, quando consideramos que as diferentes componentes das atitudes altruístas, medidas de forma específica, estão associadas entre elas, o modelo ganha maior adequação, o que indica a medição de um constructo subjacente, a atitude altruísta. Além disso, a escala de atitudes altruístas mostrou diferenciar um grupo de indivíduos caracterizados por um comportamento altruísta, o voluntariado.

A escala de atitudes altruístas aqui apresentada deve, contudo, continuar a ser objecto de estudo de forma a continuar a análise da validade e a melhorar a fiabilidade. Isto deverá ser feito mediante um aumento e diversificação da amostra. A melhoria da validade e fiabilidade poderá também ser conseguida com a eventual consideração de mais itens com conteúdo invertido, nomeadamente na componente afectiva. Tal já não será viável na componente comportamental, uma vez que nesta se avalia a frequência de comportamentos altruístas.

Recentemente, o estudo do altruísmo tem sido enquadrado no campo de estudo mais alargado do comportamento pró-social, considerado como uma categoria de comportamentos definidos no contexto social como sendo benéficos para outros, para além dos comportamentos de ajuda ou de contextos exclusivamente interpessoais (Yavuzer et al., 2006).

Alguma da investigação tem-se dirigido para áreas de nível inter-grupal e organizacional, considerando o comportamento pró-social como um elemento das relações inter-pessoais e inter-grupais (Penner et al., 2005). Inclui-se aqui as pesquisas sobre voluntariado, comportamento de cidadania organizacional ou cooperação grupal (Brief & Weiss, 2002; Omoto & Snyder, 1995).

Assim sendo, a escala de atitudes altruístas agora apresentada pode ter uma utilidade e aplicação diversificada. Por um lado, pode ser útil na investigação em temas como o voluntariado, a cidadania organizacional ou o comportamento sustentável. Por outro, a escala pode servir para a identificação das atitudes altruístas de indivíduos em contextos de intervenção.

Referências

- Arbuckle, J. L. (2005). *Amos 6.0 user's guide*. Chicago: SPSS.
- Bagozzi, R. P., & Burnkrant, R. E. (1979). Attitude organization and the attitude-behavior relationship. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 913-929.

- Bagozzi, R. P., & Burnkrant, R. E. (1985). Attitude organization and the attitude-behavior relation: A reply to Dillon and Kumar. *Journal of Personality and Social Psychology, 49*, 47-57.
- Batson, C. D. (1997). Self-other merging and the empathy-altruism hypothesis: Reply to Neuberg et al. (1997). *Journal of Personality and Social Psychology, 73*, 517-522.
- Batson, C. D., Batson, J. G., Todd, R. M., Brummett, B. H., Shaw, L. L., & Aldeguer, C. M. (1995). Empathy and the collective good: Caring for one of the others in a social dilemma. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 619-631.
- Bohner, G., & Wänke, M. (2002). *Attitudes and attitudes change*. Hove, UK: Psychology Press.
- Breckler, S. J. (1984). Empirical validation of affect, behavior, and cognition as distinct components of attitude. *Journal of Personality and Social Psychology, 47*, 1191-1205.
- Brief, A. P., & Weiss, H. M. (2002). Organizational behavior: Affect in the workplace. *Annual Review of Psychology, 53*, 279-307.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cialdini, R. B., Brown, S. L., Lewis, B. P., Luce, C., & Neuberg, S. L. (1997). Reinterpreting the empathy-altruism relationship: When one into one equals oneness. *Journal of Personality and Social Psychology, 73*, 481-494.
- Crites, S. L. Jr, Fabrigar, L. R., & Petty, R. E. (1994). Measuring the affective and cognitive properties of attitudes: Conceptual and methodological issues. *Personality and Social Psychology Bulletin, 20*, 619-634.
- Darley, J. M., & Latané, B. (1968). Bystander intervention in emergencies: Diffusion of responsibility. *Journal of Personality and Social Psychology, 8*, 377-383.
- Dillon, W. R., & Kumar, A. (1985). Attitude organization and the attitude-behavior relation: A critique of Bagozzi and Burnkrant's reanalysis of Fishbein and Ajzen. *Journal of Personality and Social Psychology, 49*, 33-46.
- Dovidio, J. F., Allen, J. L., & Schroeder, D. A. (1990). Specificity of empathy-induced helping: Evidence for altruistic motivation. *Journal of Personality and Social Psychology, 59*, 249-260.
- Eagly, A. H., & Chaiken S. (1993). *The psychology of attitudes*. Fort Worth, TX: Harcourt Brace College Publishers.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention and behaviour: An introduction to theory and research*. London: Addison-Wesley.
- Fultz, J., Batson, C. D., Fortenbach, V. A., McCarthy, P. M. (1986). Social evaluation and the empathy-altruism hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*, 761-769.
- Jorgensen, B. S., & Stedman, R. C. (2001). Sense of place as an attitude: Lakeshore owners attitudes toward their properties. *Journal of Environmental Psychology, 21*, 233-248.
- Kothandapani, V. (1971). Validation of feeling, belief, and intention to act as three components of attitude and their contribution to prediction of contraceptive behavior. *Journal of Personality and Social Psychology, 19*, 321-233.
- Krebs, D. L., & Miller, D. T. (1985). Altruism and aggression. In G. Lindzey & E. Aronson. (Eds), *Handbook of social psychology: Volume II*. New York, NY: Random House.
- Neuberg, S. L., Cialdini, R. B., Brown, S. L., Luce, C., & Sagarin, B. J. (1997). Does empathy lead to anything more than superficial helping? Comment on Barson et al. (1997). *Journal of Personality and Social Psychology, 73*, 510-516.

- Omoto, A. M., & Snyder, M. (1995). Sustained helping without obligation: Motivation, longevity of service, and perceived attitude change among AIDS volunteers. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 671-687.
- Penner, L. A. (2002). Dispositional and organizational influences on sustained volunteerism: An interactionist perspective. *Journal of Social Issues, 58*, 447-467.
- Penner, L. A., Dovidio, J. F., Piliavin, J. A., & Schroeder, D. A. (2005). Prosocial behavior: Multilevel perspectives. *Annual Review of Psychology, 56*, 365-392.
- Petty, R. E., Wegener, D. T., & Fabrigar, L. R. (1997). Attitudes and attitudes change. *Annual Review of Psychology, 48*, 609-647.
- Rosenberg, M. J., & Hovland, C. I. (1960). Cognitive, affective, and behavioral components of attitudes. In M. J. Rosenberg et al. (Eds), *Attitude organization and change: An analysis of consistency among attitude components*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Rushton, J. P., Chrisjohn, R. D., & Fekken, G. C. (1981). The altruistic personality and the self-report altruism scale. *Personality and Individual Differences, 2*, 293-302.
- Rushton, J. P., Fulker, D. W., Neale, M. C., Nias, D. K., & Eysenck, H. J. (1986). Altruism and aggression: The heritability of individual differences. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*, 1192-1198.
- Schwartz, S. H. (1977). Normative influences on altruism. In L. Berkovitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (vol. 10). New York: Academic Press.
- Sturmer, S., Snyder, M., & Omoto, A. M. (2005). Prosocial emotions and helping: The moderating role of group membership. *Journal of Personality and Social Psychology, 88*, 532-546.
- Yavuzer, H., Ismen-Gazioglu, E., Yildiz, A., Demir, I., Meseci, F., Kiliçaslam, A., & Sertelin, Ç. (2006). The teacher altruism scale: Development, validity and reliability. *Educational Sciences: Theory and practice, 6*, 964-972.
- Zanna, M. P., & Rempel, J. K. (1988). Attitudes: A new look at an old concept. In D. Bar-Tal & A. W. Kruglanski (Eds.), *The social psychology of knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press.